

Sicardia

Boletín Electrónico de la Sociedad Malacológica del Uruguay

Nº 3 – Julio 2012

ISSN 1688-700X

XI Congreso Internacional de Malacología Médica y Aplicada

Se llevará a cabo en Río de Janeiro, Brasil, del 25 a 29 septiembre de 2012. El objetivo fundamental de este Congreso será reunir a los investigadores interesados en diversos aspectos de la Malacología.

www.icmam2012.com.br



Glaucus atlanticus, conspicuo integrante del "Plancton azul"

A pesar del volcán Puyehue, Puerto Madryn recibió un nuevo Congreso Latinoamericano de Malacología.

Equipo editor:

Cristhian Clavijo y Fabrizio Scarabino (revisores)

Alvar Carranza (edición & diseño)

sociedadmalacologicauy@gmail.com

Sociedad Malacológica del Uruguay

En este número:

- *Todo sobre Septibranchia*
- *El yacimiento de cuaternario marino-estuarino más septentrional de Uruguay*
- *Proyecto AMPLIFIED*
- *Noticias malacológicas*

Índice

Editorial	2
Ficha de especies: <i>Pomacea scalaris</i> (d'Orbigny, 1835). Ana Elisa Röhrdanz	3
Considerações sobre a taxonomia de Septibranchia (Mollusca: Pelecypoda) e o estado da arte do conhecimento do grupo no Brasil. Cléo Dilnei de Castro Oliveira	5
El yacimiento de cuaternario marino-estuarino más septentrional de Uruguay. Cristhian Clavijo	13
Juan Campos († 2011); donación de su colección y de la colección malacológica de Omar E. Sicardi al Museo Nacional de Historia Natural (Montevideo). Fabrizio Scarabino, Cristhian Clavijo, Juan Carlos Zaffaroni, Cristina Ayçaguer, Alvar Carranza, Romina Trinchin, Valentina Leoni y Ana Röhrdanz	14
Proyecto “Ampullariid Model using Phylogenetics, Laboratory Inquiry and Field Investigations into Ecology and Distribution”. Cristhian Clavijo, Diego Barbitta, Clementina Calvo, Fernanda Egui, Ana Röhrdanz, Wilson Sebastián Serra, Alvar Carranza, Mariana Meerhoff, Fabrizio Scarabino & Romi Burks	16
Colecciones Malacológicas, No-privadas, Latinoamericanas. Gustavo Darrigran	17
Puerto Madryn fue la sede del VIII Congreso Latinoamericano de Malacología, CLAMA VIII. Silvina Van der Möllen	20
XXII Encontro Brasileiro de Malacologia. MSc. Bruno B. Batista	23

Editorial

Comisión Directiva

El mandato de la actual Comisión Directiva de la SMU está llegando a su fin. Ciertamente no son tiempos fáciles para nuestra Sociedad ni para otras asociaciones tanto a nivel nacional como internacional. La humanidad está cambiando sus hábitos de reunión y participación, sus hobbies y sus formas de investigar. La nueva Comisión Directiva se plantea afrontar el desafío apoyándose en las profundas raíces de la SMU y en la innovación necesaria para reciclar su energía. Desde estas páginas le deseamos éxito en su trabajo.

Ficha de especies: *Pomacea scalaris* (d'Orbigny, 1835)
Ana Elisa Röhrdanz

Gastropoda:

Orthogastropoda:

Architaenioglossa:

Ampullariidae

Tamaño máximo: 50 mm

Pomacea scalaris es una de las tres especies del género presentes en Uruguay. Su conchilla tiene algunas características que la diferencia del resto de las especies del género. El color es marrón liso sin las características bandas del género y sus anfractos son marcadamente angulosos, casi de forma escalariforme. *Pomacea scalaris* se distribuye desde Corrientes, Argentina hasta la desembocadura del río Paraná y en el Río de la Plata (Hylton Scott, 1958; Castellanos & Fernández 1976) habitando tanto sistemas lénticos como lóticos. En Uruguay únicamente se encuentra en el río Uruguay, entre las localidades de Nueva Palmira y Punta Gorda, en el departamento de Colonia (Scarabino, 2004, Clavijo com. pers.).

Literatura Citada

HYLTON SCOTT, M. I. 1958. Estudio morfológico y taxonómico de los Ampuláridos de la República Argentina. Revista del Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia" Ciencias Zoológicas 3(5): 233-333.

CASTELLANOS ZJ, FERNÁNDEZ D (1976). Fauna de agua dulce de la República Argentina. Ed Ringuélet RA, Fecic, Buenos Aires, pp. 1-33.

SCARABINO, F. (2004). Lista sistemática de los Gastropoda dulciacuícolas vivientes de Uruguay. Comunicaciones de la Sociedad Malacológica del Uruguay 8:347-356.



FOTOS: Wilson Serra

Considerações sobre a taxonomia de Septibranchia (Mollusca: Pelecypoda) e o estado da arte do conhecimento do grupo no Brasil

Cléo Dilnei de Castro Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências da Saúde, Instituto de Biologia, Laboratório de Malacologia. C.E.P.: 21941-590. Rio de Janeiro. Brasil. cleo.oliveira@gmail.com

Dentre os moluscos pelecípodas, a Subclasse Anomalodesmata Dall, 1889 inclui grupos de forma e hábitos bastante diversificados, dentre eles os intrigantes pelecípodas carnívoros, mais conhecidos como Septibranchia. Este grupo é caracterizado pelo alto grau de especialização corporal relacionado a capacidade predatória e saprofágica, cujas principais modificações incluem o desenvolvimento de sífios bastante protracteis, com grande variação de forma e tamanho, além de especializações sensoriais relacionadas ao modo de captura da presa (Morton, 1981, 1987); os palpos labiais são normalmente muito curtos e muscularizados (Morton 1981; Prezant, 1998) e o estômago é do Tipo II, segundo classificação de Purchon (1956), apresentando parede estomacal bastante muscularizada e revestida, internamente, por espesso cinturão de quitina (Prezant, 1998). Por fim, a modificação mais marcante é a substituição das brânquias por feixes de músculos septais (Morton, 1981) – daí a origem do termo Septibranchia! – que atuam como uma bomba hidráulica capaz de gerar a pressão negativa necessária para sugar presas para o interior da cavidade paleal. Todas essas características juntas permitem que estes pelecípodas possam capturar, fragmentar e digerir presas como copépodes e foraminíferos.

Os septibranquios são pelecípodas infaunais escavando ativamente no

sedimento (Morton, 1981). O grupo apresenta ampla distribuição geográfica, sendo raros em águas rasas (Prezant, 1998), mas com grande importância na composição da biota em ambiente marinho profundo (Allen & Turner, 1974), com crescente realização de estudos demonstrando a sua importância também nas regiões polares, em especial na Antártica (Egorova, 1998; Narchi et al. 2002; Zelaya & Ituarte, 2006).

Contando com um aumento progressivo no número de espécies conhecidas pela Ciência, os Septibranchia atualmente são subdivididos em quatro famílias: Verticordiidae Stoliczka, 1871 (Fig.1), Lyonsiellidae Dall, 1895 (Fig.2), Poromyidae Dall, 1886 (Fig.3) e Cuspidariidae Dall, 1886 (Fig.4).

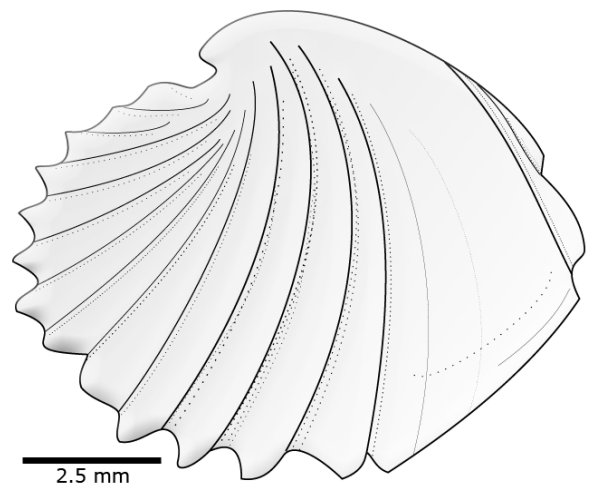


Figura 1. Desenho esquemático de exemplar da família Verticordiidae, *Trigonulina ornata* d'Orbigny, 1853

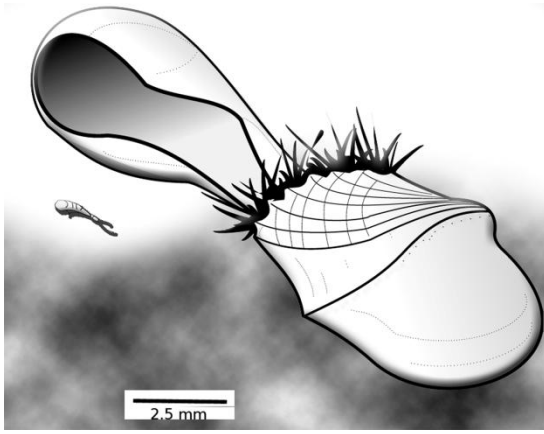


Figura 2. *Lyonsiella formosa* (Jeffreys, 1882) (Lyonsiellidae) em ato de predação. Adaptado de Morton (1987: Siphon structure and prey capture as a guide to affinities in the abyssal septibranch Anomalodesmata).

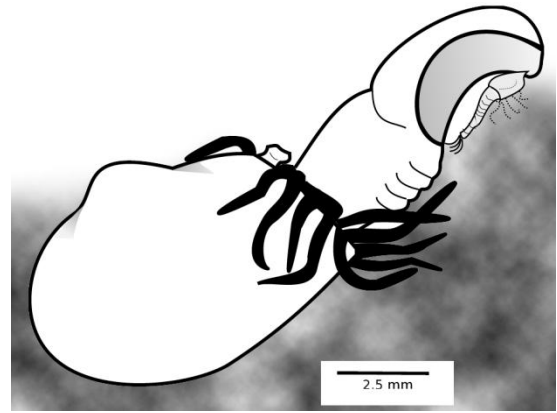


Figura 3. *Poromya granulata* (Nyst & Westendorp, 1839) (Poromyidae) em ato de predação. Adaptado de Morton (1987: Siphon structure and prey capture as a guide to affinities in the abyssal septibranch Anomalodesmata).

A substituição das brânquias por septos musculares ocorre gradualmente ao longo destas famílias, com alguns táxons em Verticordiidae e Lyonsiellidae ainda portando brânquias parcialmente filamentosas. Nas famílias com maior desenvolvimento dos septos musculares (Poromyidae e Cuspidariidae), a pressão negativa gerada pela contração dos septos musculares, associada a protração do sifão, é utilizada na captura das presas, enquanto em muitos verticordídeos, cujas brânquias conservam o padrão filamentoso, a captura das presas se dá principalmente por meio de papilas adesivas no sifão (Bernard, 1974; Reid & Reid, 1974; Morton, 1981, 1984, 1987; Prezant, 1998).

Curiosamente, a família Parilimyidae Morton, 1982, outro táxon alocado em Anomalodesmata e que habita os ambientes marinhos de águas profundas, também possui o hábito carnívoro; no entanto, sabe-se que este hábito surgiu paralelamente (Harper et al. 2000), o que sugere uma função adaptativa deste hábito alimentar à esse ambiente específico. De fato, é sabido que outros grupos zoológicos que habitam zonas marinhas profundas, como esponjas e ascidiáceos, também desenvolveram a carnivoría em detrimento do típico hábito filtrador suspensívoro comumente encontrado nestes grupos (Vacelet & Boury-Esnault, 1995; Okuyama et al., 2002).

A história taxonômica dos septibrânquios é exaustivamente longa. Diversos Gêneros hoje alocados no grupo, em algum momento já foram considerados em outras famílias como Corbulidae Lamarck, 1818 e Lyonsiidae Fischer, 1887. Além disso, propostas de classificação alocando alguns gêneros em famílias próprias (e.g. Cetoconchidae Ridewood, 1903; Halonymphidae Scarlato & Starobogatov, 1983; Protocuspidariidae Scarlato & Starobogatov, 1983) também foram consideradas por diferentes autores (e.g. Scarlato & Starobogatov, 1983; Krylova 1994, 1995). Atualmente, parece haver um consenso quanto a existência das quatro famílias supracitadas dentre os Septibranchia, no entanto, a aceitação de uma quinta família, Euciroidae Dall, 1895, agrupando gêneros como Euciroa Dall, 1881 e Acreuciroa Thiele & Jaekel, 1931 (normalmente alocados na família Verticordiidae) tem ganhado força nos últimos anos. Maiores estudos ainda são necessários, mas características conquiliológicas (e.g. concha espessa, superfície externa fortemente recoberta por pústulas ou espínulos, maiores elaborações das estruturas da charneira) e anatômicas (e.g. margens do manto bastante muscularizadas, demibrânquia externa reduzida, ausência de sulco bissal) podem vir a corroborar a existência desta quinta família dentre os Septibranchia.

Os registros mais antigos da família Verticordiidae datam do período Cretáceo (Harper et al., 2000). Atualmente estima-se a existência de cerca de 50 espécies conhecidas pela Ciência no Oceano Atlântico. As brânquias dos verticordídeos são apenas parcialmente substituídas por septos musculares e em muito lembram as típicas brânquias dos pelecípodes filtradores. Essa característica parece representar um passo dentro do gradiente que levou a condição muscular da brânquia dos Septibranchia. A concha dos verticordídeos apresenta forma globular a ligeiramente elíptica e são, em geral, mais espessas que as dos demais septibrânquios. A superfície externa da concha pode ser pustolosa ou granulosa, normalmente ornamentada por linhas (e.g. *Verticordia* Sowerby, 1844), cordas (e.g. *Haliris* Dall, 1886) ou quilhas radiais (e.g. *Trigonulina* d'Orbigny, 1846 e *Spinopipella* Iredale, 1930). A charneira é edêntula, mas pode apresentar calosidades e espessamentos do platô, com respectivo encaixe na valva correspondente.

A família Lyonsiellidae, foi erigida a partir de uma divisão de Verticordiidae. De fato, muitos autores já haviam atentado para diferenças anatômicas no aparato sifonal e musculatura associada encontradas entre alguns gêneros de Verticordiidae e diferentes arranjos considerando a divisão da família em dois grupos, seja como subfamília Verticordiinae e Lyonsiellinae ou como famílias distintas, são rotineiramente encontradas na literatura (e.g. Heilprin, 1881; Smith, 1885; Allen & Turner, 1974; Bernard, 1974, 1979; Morton, 1981, 1984, 1987; Prezant, 1998; Poutiers & Bernard, 1995). Harper et al. (2000), em uma análise cladística da Subclasse Anomalodesmata com a utilização de 43 caracteres anatômicos e conchiliológicos corroboraram tal divisão dos verticordídeos e o status taxonômico de Família a Lyonsiellidae.

Os registros mais antigos da família Lyonsiellidae datam do Plioceno (Harper et al., 2000) e atualmente estima-se a existência de cerca de 50 espécies conhecidas pela Ciência no Oceano Atlântico. Sua concha em geral é mais alongada, com formato retangular ou suborbicular, não raro apresentando o eixo antero-posterior inclinado em relação ao eixo dorso-ventral.

A charneira é edêntula, sem estruturas mais elaboradas e, ao contrário dos verticordídeos, a concha é bastante frágil e quebradiça. A superfície externa pode ser polida com linhas radiais (e.g. *Policordia* Dall, Bartsch & Rehder, 1938) ou apresentar-se coberta por grânulos e pústulas (e.g. *Lyonsiella* Sars, 1872). Anatomicamente, os lyonsielídeos apresentam um sifão inalante eversível, circundado por pequenos tentáculos e brânquias mais muscularizadas que aquelas encontradas nos verticordídeos.

Para a família Poromyidae, os registros mais antigos datam do Cretáceo (Harper et al. 2000). Atualmente estima-se a existência de cerca de 70 espécies conhecidas pela Ciência no Oceano Atlântico. A família é caracterizada pela concha fina, bastante inflada, com contorno elíptico e margem posterior levemente truncada. A superfície externa pode ser polida ou apresentar ornamentação radial, em geral representada por pústulas ou grânulos recobrimdo toda a concha. Um gênero em especial, *Dilemma* Leal 2008, é bastante notório por apresentar uma simetria curiosa: a concha apresenta um forte estreitamento do eixo antero-posterior, com rotação de cerca de 30º do eixo dorso-ventral. Poromídeos em geral apresentam charneira edêntula (e.g. *Cetomya* Dall, 1889), embora calosidades e inflexões sejam observadas em alguns grupos (e.g. *Dermatomya* Dall, 1889).

Anatomicamente, os lyonsiélídeos apresentam um sifão inalante eversível, circundado por pequenos tentáculos e brânquias mais muscularizadas que aquelas encontradas nos verticordídeos. Para a família Poromyidae, os registros mais antigos datam do Cretáceo (Harper et al. 2000). Atualmente estima-se a existência de cerca de 70 espécies conhecidas pela Ciência no Oceano Atlântico. A família é caracterizada pela concha fina, bastante inflada, com contorno elíptico e margem posterior levemente truncada. A superfície externa pode ser polida ou apresentar ornamentação radial, em geral representada por pústulas ou grânulos recobrendo toda a concha. Um gênero em especial, *Dilemma* Leal 2008, é bastante notório por apresentar uma simetria curiosa: a concha apresenta um forte estreitamento do eixo antero-posterior, com rotação de cerca de 30° do eixo dorso-ventral. Poromídeos em geral apresentam charneira edêntula (e.g. *Cetomya* Dall, 1889), embora calosidades e inflexões sejam observadas em alguns grupos (e.g. *Dermatomya* Dall, 1889). Anatomicamente, os poromídeos apresentam a brânquia totalmente modificada na condição septibranchia com um sifão inalante largo e bastante eversível, rodeado por numerosos tentáculos sensoriais.

Para Cuspidariidae, os registros mais antigos datam do Cretáceo (Harper et al., 2002). A maior parte das espécies conhecidas pela Ciência estão registradas em mar profundo e atualmente estima-se a existência de cerca de 120 espécies conhecidas no Oceano Atlântico. Com esta soma, os cuspidarídeos representam a maior família de moluscos pelecípodes no Oceano Atlântico profundo, figurando como um dos mais importantes grupos malacológicos do bentos hadal e abissal nesta bacia oceanográfica. A concha dos cuspidarídeos pode apresentar contorno muito variável, mas

geralmente subcircular, trapezoidal ou triangular, sempre apresentando um rostro na região posterior (Xu, 1999).

Externamente, as conchas podem ser polidas (e.g. *Cuspidaria* Nardo, 1840) ou com granulações e/ou pústulas (e.g. *Plectodon* Carpenter, 1864), podem apresentar escultura radial (e.g. *Cardiomya* Adams, 1864) ou comarginal (e.g. *Octoporia* Scarlato & Starobogatov, 1983) ou mesmo ambas (e.g. *Bathynearea* Scarlato & Starobogatov, 1983). A charneira pode apresentar dente secundário lateral e/ou cardinal, em apenas uma ou em ambas as valvas.

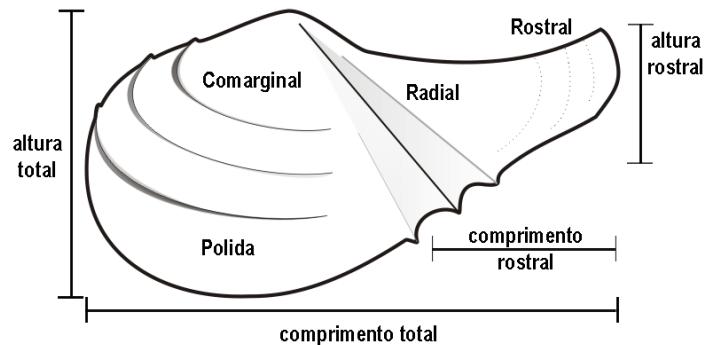


Figura 4: Desenho esquemático de exemplar hipotético evidenciando o contorno e diferentes tipos de ornamentação normalmente observadas na família Cuspidariidae.

Dentre os Septibranchia, os cuspidarídeos apresentam o maior grau de especialização corporal relacionada à capacidade predatória e saprofágica (Bernard, 1974, 1979; Morton, 1981, 1987). Os sifões são bastante eversíveis, com grande variação de forma e tamanho, além de especializações sensoriais relacionadas ao modo de captura da presa; os palpos labiais são normalmente muito curtos e muscularizados (Morton 1981), o estômago é bastante muscularizado e as brânquias foram totalmente substituídas por fortes septos musculares.

Apesar do crescente número de estudos envolvendo os septibrânquios nos últimos anos (e.g. Soot-Ryen, 1966; Knudsen, 1970, 1982; Allen & Turner, 1974; Bernard, 1974; Marini, 1974; Allen & Morgan, 1981; Poutiers, 1984; Poutiers & Bernard, 1995; Oliveira & Absalão, 2007, 2009, 2010a, b; Simone & Cunha, 2008; Absalão & Oliveira, 2011; Allen, 2011), este é, ainda, um grupo pouco conhecido, carecendo de amplas revisões taxonômicas e maiores estudos sobre a sua história evolutiva e relacionamento dos ramos internos. Parte considerável dos problemas hoje encontrados no grupo é explicada pela criação desordenada de novos táxons. A situação é agravada quando se verifica que uma proporção razoável destes novos táxons foi descrita com base em alguns poucos caracteres, que não raro apresentam grande plasticidade fenotípica, levando, invariavelmente, ao aumento da incerteza quanto à variabilidade intraespecífica de cada táxon. Por conta destas condições, Septibranchia figura como um grupo de grande riqueza de espécies em ambiente marinho profundo mas, ainda, muito carente de maiores revisões taxonômicas e portanto com grande potencial de contribuição científica.

Para o Brasil, a última edição do catálogo de moluscos marinhos, Rios (2009), considerou o registro de ocorrência de 17 espécies de Septibranchia para o território nacional (*Lyonsiella jeffreysi* Smith, 1885, tem o registro desconsiderado em Oliveira & Absalão, 2010b: 307. O registro para *Myonera ruginosa* (Jeffreys, 1882) deve ser desconsiderado, ver Oliveira & Absalão, 2009: 153). Todavia, este número pode estar subestimado.

O total de espécies reportadas para águas brasileiras, tanto por novos registros de ocorrência quanto por descrições de novos táxons, recebeu significativa contribuição, principalmente, pelos trabalhos de Smith (1885), Allen & Turner (1974), Marini

(1974), Allen & Morgan (1981), Oliveira & Absalão (2007, 2009, 2010a, b), Simone & Cunha (2008), Absalão & Oliveira (2011) e Allen (2011). Atualmente, considera-se a ocorrência de 44 espécies reportadas para o Brasil, distribuídos em: Poromyidae (*Poromya granulata* (Nyst & Westendorp, 1839); *P. cymata* Dall, 1890; *Cetomya elongata* (Dall, 1886). Total: 3 spp.). - Verticordiidae (*Trigonulina ornata* d'Orbigny, 1853; *Euciroa grandis* (Smith, 1885); *Haliris fischeriana* (Dall, 1881); *Spinospella agnes* Simone & Cunha, 2008; *S. tinga* Simone & Cunha, 2008; *Verticordia quadrata* Smith, 1885; *V. woodii* Smith, 1885; *V. ouricuri* Oliveira & Absalão, 2010. Total: 8 spp.). - Lyonsiellidae (*Lyonsiella abyssicola* (G.O. Sars, 1872); *Lyonsiella* cf. *formosa* (Jeffreys, 1882); *L. subquadrata* (Jeffreys, 1882); *L. frielei* Allen & Turner, 1974; *L. pipoca* Oliveira & Absalão, 2010; *Policordia gemma* (Verrill, 1880); *Policordia* sp. Total: 7 spp.). - Cuspidariidae (*Cardiomya ceryana* (d'Orbigny, 1842); *C. ornata* (d'Orbigny, 1853); *C. striata* (Jeffreys, 1876); *C. perrostrata* (Dall, 1881); *Cuspidaria rostrata* (Spengler, 1793); *C. circinata* (Jeffreys, 1876); *C. papyria* (Jeffreys, 1876); *C. platensis* (Smith, 1885); *C. wollastonii* (Smith, 1885); *Cuspidaria? monosteira* Dall, 1890; *C. parva* Verrill & Bush, 1898; *Cuspidaria* cf. *barnardi* Knudsen, 1970; *C. krylovae* Allen, 2011; *C. tamandua* Absalão & Oliveira, 2011; *C. wapixana* Absalão & Oliveira, 2011; *Luzonia morganae* Allen, 2011; *Myonera limatula* (Dall, 1881); *M. paucistriata* Dall, 1886; *M. kaiwa* Oliveira & Absalão, 2009; *Myonera* sp.; *Octoporia octaporosa* (Allen & Morgan, 1981); *O. poutiera* Allen, 2011; *Plectodon braziliensis* (Smith, 1915); *Protocuspidaria* (*Bidentaria*) *atlantica* Allen & Morgan, 1981; *P. (B.) jarauara* Oliveira & Absalão, 2009; *P. (Protocuspidaria) verityi* Allen & Morgan, 1981. Total: 26 spp.).

Tal aumento no número de espécies registradas para o Brasil na última década reflete o estágio ainda prematuro do nosso conhecimento quanto aos grupos bióticos presentes no assoalho marinho profundo. Se os ambientes presentes na plataforma continental, os mais estudados, continuam a revelar espécies desconhecidas para a Ciência e/ou a ampliação dos registros de ocorrência de espécies já conhecidas, o nosso conhecimento sobre o bentos do talude continental é ainda mais escasso e, num futuro próximo, será nestes ambientes de águas profundas que deverá ocorrer a maior parte das descobertas de novos táxons. Neste sentido, o conhecimento taxonômico de grupos malacológicos presentes neste compartimento, principalmente aqueles grupos encontrados em abundância como os Septibranchia, deve ser encarado como o primeiro passo rumo ao gerenciamento integral dos ecossistemas marinhos e a exploração sustentável de seus recursos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos membros da Sociedade Malacológica do Uruguai, em especial a Cristhian Clavijo e Fabrizio Scarabino, pelo convite para contribuir junto a Sicardia. A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo suporte financeiro.

REFERÊNCIAS

ABSALÃO, R.S. & OLIVEIRA, C.D.C. 2011. The genus *Cuspidaria* (Pelecypoda: Septibranchia: Cuspidariidae) from the deep sea of Campos Basin, Brazil, with descriptions of two new species. *Malacologia* 54(1-2): 119-138.

ALLEN, J.A. & MORGAN, R.E. 1981. The functional morphology of Atlantic deep water species of the families Cuspidariidae

and Poromyidae (Bivalvia): an analysis of the evolution of the septibranch condition. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London Series B-Biological Sciences* 294(1073): 413-546.

ALLEN, J.A. & TURNER, J.F. 1974.

Functional morphology of family Verticordiidae (Bivalvia) with descriptions of new species from the Abyssal Atlantic. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London Series B-Biological Sciences* 268(894): 401-536.

ALLEN, J.A. 2011. Descriptions of new deep-water species of the family Cuspidariidae (Mollusca: Bivalvia) and including a bibliography of the known species from the Atlantic. *Journal of Conchology* 40(4): 428-445.

BERNARD, F.R. 1974. Septibranchs of the eastern Pacific (Bivalvia, Anomalodesmata). 279 p. Allan Hancock Foundation, University of Southern California, Los Angeles, California.

BERNARD, F.R. 1979. New species of *Cuspidaria* from the northeastern Pacific (Bivalvia: Anomalodesmata), with a proposed classification of septibranchs. *Venus* 38(1): 14-24.

EGOROVA, E.N. 1998. Two new species of deep-water bivalve from the Weddell Sea, West Antarctica (Mollusca: Kelliellidae and Cuspidariidae). *Zoosystematica Rossica* 7(2): 245-249.

HARPER, E.M., HIDE, E.A. & MORTON, B. 2000. Relationships between the extant Anomalodesmata: a cladistic test. Pp 129-143. In: Harper, E.M., et al. (eds) *The Evolutionary Biology of the Bivalvia* Geological Society of London, Special Publications, London.

HARPER, E.M., PALMER, T.J. & HUDSON, J.D. 2002. The Middle Jurassic bivalve *Cuspidaria ibbetsoni*: A corbulid not a septibranch. *Palaeontology* 45(4): 759-769.

- HEILPRIN, A. 1881. Remarks on the Molluscan Genera Hippagus, Verticordia and Pecchiolia. Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia 33: 423-428.
- KNUDSEN, J. 1970. The systematics and biology of abyssal and hadal bivalvia. Galathea Reports: 7-241.
- KNUDSEN, J. 1982. Anomalodesmata (Mollusca, Bivalvia) from Saba Bank, the Caribbean Region. Proceedings of the Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen (C) 85(1): 121-146.
- KRYLOVA, E.M. 1994. Clams of the genus Octoporia (Septibranchia, Halonymphidae) in the World oceans. Zoologicheskyy Zhurnal 73(2): 38-45.
- KRYLOVA, E.M. 1995. Clams of the family Protocuspidariidae (Septibranchia, Cuspidarioidea) - Taxonomy and Distribution. Zoologicheskyy Zhurnal 74(9): 20-38.
- MARINI, A.C. 1974. O gênero Verticordia Wood, 1844 (Bivalvia, Verticordiidae) na plataforma continental brasileira. Papéis do Departamento de Zoologia de São Paulo 28(13): 241-244.
- MORTON, B. 1981. The Anomalodesmata. Malacologia 21(1-2): 35-60.
- MORTON, B. 1984. Prey capture in Lyonsiella formosa (Bivalvia: Anomalodesmata: Verticordiacea). Pacific Science 38: 283-297.
- MORTON, B. 1987. Siphon structure and prey capture as a guide to affinities in the abyssal septibranch Anomalodesmata (Bivalvia). Sarsia 72: 49-69.
- MORTON, B. 2003. The functional morphology of Bentholyonsia teramachii (Bivalvia : Lyonsiellidae): clues to the origin of predation in the deep water Anomalodesmata. Journal of Zoology 261: 363-380.
- NARCHI, W., DOMANESCHI, O. & PASSOS, F.D. 2002. Bivalves Antárticos e Subantárticos coletados durante as Expedições Científicas Brasileiras à Antártica I a IX (1982-1991). Revista Brasileira de Zoologia 19(3): 645-675.
- OKUYAMA M, SAITO Y, OGAWA M, TAKEUCHI A, JING Z, NAGANUMA T & HIROSE E. 2002. Morphological studies on the bathyal ascidian, Megalodicopia hians Oka 1918 (Octacnemidae, Phlebobranchia), with remarks on feeding and tunic morphology. Zoological Science 19(10):1181-1189.
- OLIVEIRA, C.D.C. & ABSALAO, R.S. 2007. Primeiro registro de Mendicula ferruginosa, Kelliella atlantica e Lyonsiella subquadrata (Mollusca, Pelecypoda) para águas brasileiras. BIOCÊNCIAS 15(1): 63-67.
- OLIVEIRA, C.D.C. & ABSALAO, R.S. 2009. The Genera Myonera, Octoporia and Protocuspidaria (Mollusca, Pelecypoda, Cuspidariidae) from Deep Waters of Campos Basin, Rio de Janeiro, Brazil, with descriptions of two new species. American Malacological Bulletin 27: 141-156.
- OLIVEIRA, C.D.C. & ABSALAO, R.S. 2010a. Review of the Septibranchia (Pelecypoda: Mollusca) from deep sea of Campos Basin, Brazil: family Verticordiidae, with description of a new species. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 90(4): 809-817.
- OLIVEIRA, C.D.C. & ABSALAO, R.S. 2010b. Review of the Septibranchia (Mollusca: Pelecypoda) from the deep sea of Campos Basin, Brazil: Family Lyonsiellidae, with description of a new species. Scientia Marina 74(2): 305-316.
- POUTIERS, J.M. 1984. Septibranches abyssaux de l'océan Indien occidental (Mollusques Bivalves Anomalodesmata). Journal of Conchology 31(5): 281-306.

- PREZANT, R.S. & SMITH, B.J. 1998. Subclass Anomalodesmata. Pp 397-429. In: Beesley, P.L., et al. (eds) Mollusca: the southern synthesis. Fauna of Australia.
- PURCHON, R.D. 1956. The stomach in the Protobranchia and Septibranchia (Lamellibranchia) Proceedings of the Zoological Society of London 127: 511-525.
- REID, R.G.B. & REID, A.M. 1974. The carnivorous habit of members of the Septibranch genus *Cuspidaria* (Mollusca: Bivalvia). Sarsia 56: 47-56.
- RIOS, E.C. 2009. Compendium os brazilian sea shells. 668 p. Universidade Federal do Rio Grande, Museu Oceanográfico "Prof. E. C. Rios", Evangraf, Rio Grande.
- SCARLATO, O.A. & STAROBOGATOV, Y.I. 1983. System of the bivalve mollusks of the superorder Septibranchia. In: LILCHAREV IM, editor. Molluscs Their systematics, ecology and distribution. Nauka, Leningrad. p. 7-13.
- SIMONE, L.R.L. & CUNHA, C.M. 2008. Revision of the genus *Spinospella* (Bivalvia: Verticordiidae), with descriptions of two new species from Brazil. The Nautilus 122(2): 57-78.
- SMITH, E.A. 1885. Report on the Lamellibranchiata collected by HMS Challenger during the years 1873-1876. Challenger Reports, Zool 13: 1-341.
- SOOT-RYEN, T. 1966. Revision of the pelecypods of Mikael Sars North Atlantic deep-sea expedition 1910, with notes on the family Verticordiidae and other interesting species. Sarsia 24: 1-31.
- VACELET, J. & BOURY-ESNAULT, N. 1995. Carnivorous sponges. Nature 373(6512): 333-335.
- XU, B. 1999. Phylum Mollusca. Class Bivalvia. Subclasses Protobranchia and Anomalodesmata. Fauna Sinica Mollusca: 1-244.
- ZELAYA, D.G. & ITUARTE, C. 2006. Redescription of two antarctic species of *Cuspidaria*: *C. concentrica* Thiele, 1912 and *C. minima* (Egorova, 1993) (Bivalvia : Cuspidariidae). Veliger 48(3): 170-177.

El yacimiento de cuaternario marino-estuarino más septentrional de Uruguay

Cristhian Clavijo

El cuaternario marino-estuarino presenta afloramientos en toda la costa del Uruguay, desde unos kilómetros al norte de la ciudad de Fray Bentos hasta la laguna Merín (Martínez & Rojas 2011), una descripción detallada de los mismos se encuentra en Clavijo et al. (2005).

En febrero de 2012, en el marco de relevamientos de moluscos de agua dulce fue registrado un yacimiento perteneciente al cuaternario marino-estuarino sobre el margen de la Laguna Merín (32° 45' 12.9" S; 53° 16' 33.2" W) próximo al Balneario Lago Merín (Departamento de Cerro Largo).

El mismo aflora unos 20 m² a la altura del nivel de la laguna (1 m.s.n.m.), cubierto en parte por arena consolidada por la presencia de junco (*Schoenoplectus californicus*) (Figura 1). El yacimiento está compuesto en su totalidad por *Crassostrea* sp. (Bivalvia; Ostreidae) en posición de vida. Material voucher fue depositado en el Museo Nacional de Historia Natural (Montevideo).

El presente representa el registro más septentrional del cuaternario marino-estuarino de Uruguay, ampliando la distribución de esta formación en aproximadamente 50 kilómetros desde el grupo de yacimientos más próximo al sur en las proximidades de la desembocadura del río Cebollati (Martínez 1988, Martínez & Rojas 2011). En el área del descubrimiento existe al menos otro afloramiento a unos 200 metros del balneario Lago Merín (Martín Abreu com. pers.).



REFERENCIAS

- CLAVIJO C., F. SCARABINO, A. ROJAS Y S. MARTÍNEZ. 2005. Lista sistemática de los moluscos marinos y estuarinos del cuaternario de Uruguay. *Comunicaciones de la Sociedad Malacológica del Uruguay*, 9 (88): 381 – 411.
- MARTÍNEZ, S. 1988 ("1986"). Moluscos fósiles holocenos de la margen occidental de la Laguna Merín (Formación Villa Soriano, Uruguay). *Comunicaciones de la Sociedad Malacológica del Uruguay*, 6 (51): 409- 425.
- MARTÍNEZ, S. & A. ROJAS. 2011. Asociaciones de moluscos marinos y estuarinos del Holoceno de Uruguay. Pp. 93-116. En: Rodríguez FG (Ed.) *El Holoceno en la zona costera de Uruguay*. Tradinco, Montevideo. 263 pp.

Juan Campos († 2011); donación de su colección y de la colección malacológica de Omar E. Sicardi al Museo Nacional de Historia Natural (Montevideo).

Fabrizio Scarabino, Cristhian Clavijo, Juan Carlos Zaffaroni, Cristina Ayçaguer, Alvar Carranza, Romina Trinchin, Valentina Leoni y Ana Röhrdanz

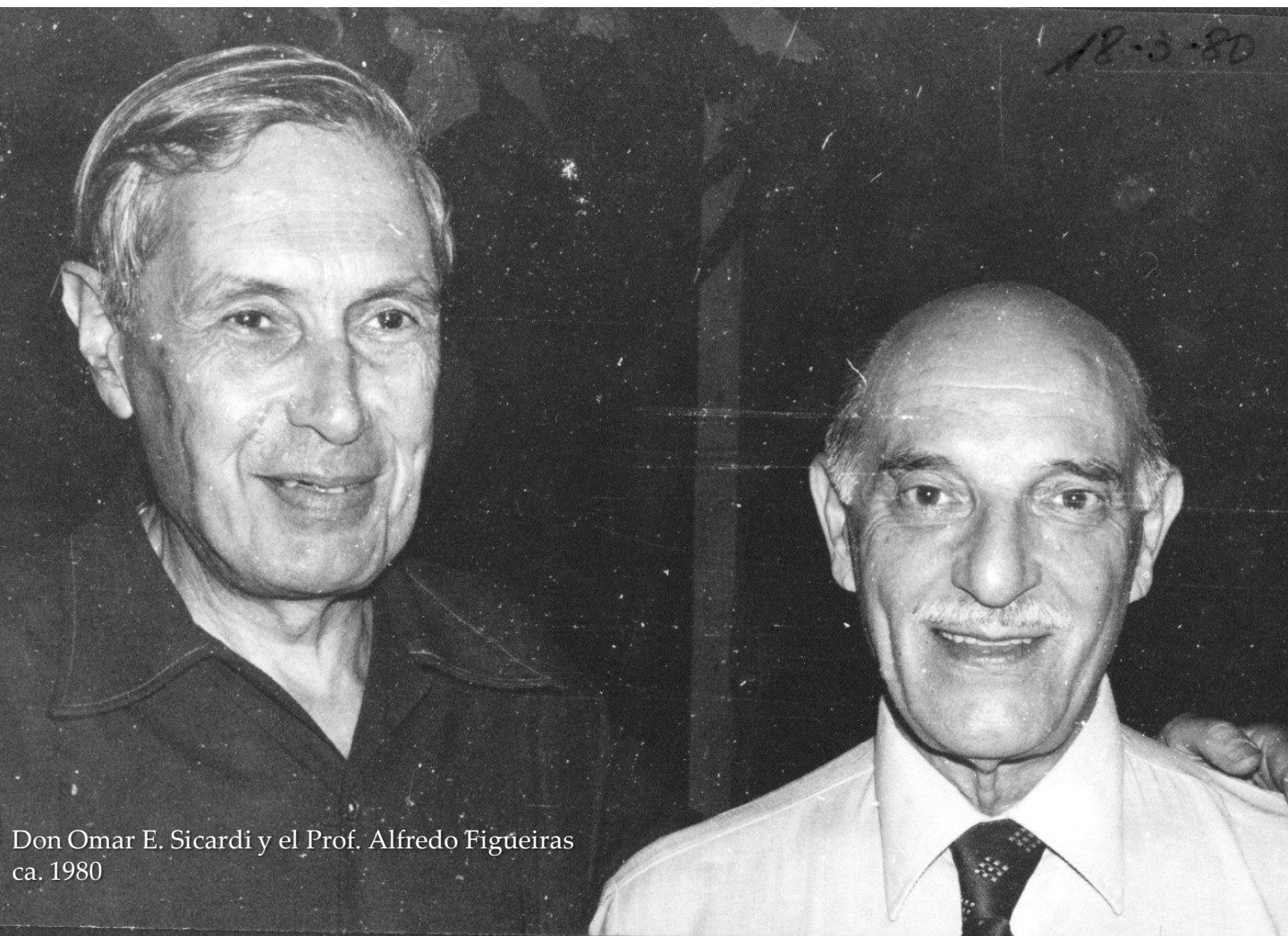
En noviembre de 2011 falleció Juan Campos, socio de la Sociedad Malacológica del Uruguay. Juan tuvo gran interés por la naturaleza de Uruguay, vinculándose a varias sociedades como el Grupo de Estudio y Reconocimiento Geográfico del Uruguay y la Sociedad de Conservación del Medio Ambiente, donde su bondad y generosidad le brindó amistades y simpatías. Recorrió muchas zonas del país, interesándose por la colecta de moluscos. También brindó una enorme ayuda a la SMU como bibliotecario, conservando la mayor parte de la biblioteca de la SMU en su hogar.

Cuando falleció Omar E. Sicardi (1997), Juan Campos compró buena parte de su colección, tanto de moluscos nacionales como exóticos. Con el fallecimiento de Juan, su colección personal y el material referido de Sicardi, fueron donados al Museo Nacional de Historia Natural (MNHN). Esto representa un aporte fundamental a la colección malacológica del Museo por varias razones. Por un lado, incluye numerosos lotes de moluscos continentales de Uruguay, fauna que posee numerosos problemas de conservación; los datos tanto históricos como actuales ayudan a registrar y comprender estos problemas.



Por otro lado, incluye numeroso material voucher correspondiente al “*Catálogo de los moluscos marinos del Uruguay*”, que Sicardi realizó en coautoría con Alfredo Figueiras durante 1968-1980 (ver Scarabino & Carranza, 2004). Posee material colectado desde la década de 1950, constituyendo un patrimonio histórico y científico de gran relevancia. La visión de Juan Campos y la generosidad de su primo, proporcionó a todos la posibilidad de conservar la valiosa colección de Sicardi. Agradecemos en memoria y vida respectivamente estas acciones.

Tanto el valioso material colectado por Juan Campos como la colección de Omar E. Sicardi están siendo curados, contabilizados e incorporados a la colección del MNHN, con la indicación correspondiente de su origen. La donación incluyó dos cajoneras, lo cual es también un aporte de relevancia dada la situación actual de nuestro Museo.



Don Omar E. Sicardi y el Prof. Alfredo Figueiras
ca. 1980

Literatura citada

Scarabino, F. & A. Carranza. 2004. Omar E. Sicardi (1913-1997), notas biográficas y lista de publicaciones. *Comunicaciones de la Sociedad Malacológica del Uruguay*, 8 (82/83): 289-290.

Proyecto “Ampullariid Model using Phylogenetics, Laboratory Inquiry and Field Investigations into Ecology and Distribution”

Cristhian Clavijo, Diego Barbitta, Clementina Calvo, Fernanda Egui, Ana Röhrdanz, Wilson Sebastián Serra, Alvar Carranza, Mariana Meerhoff, Fabrizio Scarabino & Romi Burks

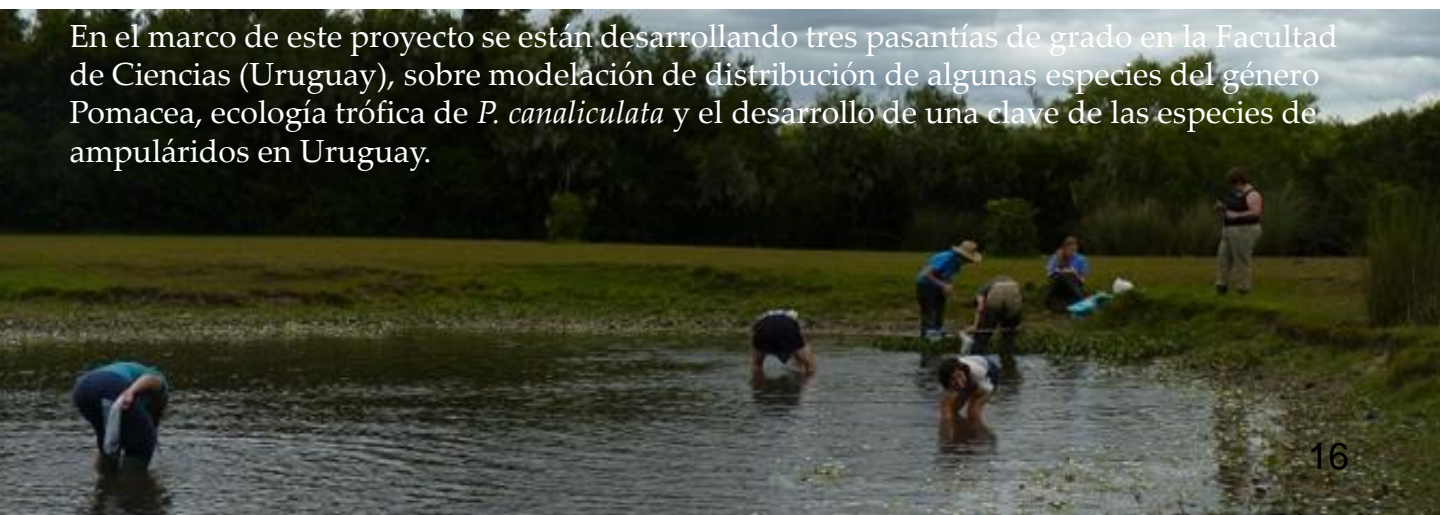
En noviembre de 2011 comenzó a ejecutarse el proyecto “COLLABORATIVE RESEARCH: US-URUGUAY-BRAZIL IRES AMPLIFIED: Ampullariidae Model using Phylogeography, Laboratory Integration with Field Investigations into Ecology and Diversity”. Este proyecto es la continuación del taller desarrollado en Montevideo en noviembre de 2010.

Financiado por la National Science Foundation (EEUU) a través de su programa IRES (International Research Experience for Students) para desarrollarse durante tres años, este proyecto cuenta con la participación de investigadores y estudiantes de diversas instituciones de Estados Unidos, Brasil y Uruguay: Southwestern University (EEUU), University of Hawaii (EEUU), Facultad de Ciencias (Uruguay), Instituto Oswaldo Cruz (Brasil), Dirección Nacional de Recursos Acuáticos (Uruguay) y el Museo Nacional de Historia Natural (Uruguay).

El objetivo del proyecto es usar los gasterópodos de la familia Ampullariidae como modelo para brindar experiencias de investigación internacional para estudiantes de Estados Unidos, Brasil y Uruguay.

En los últimos años se ha incrementado el interés en la investigación en ampuláridos como organismo modelo. Ciertos atributos de estos caracoles también los hacen organismos ejemplares para estudiantes de pregrado en el marco de proyectos de investigación. Cada año, estudiantes universitarios desarrollarán investigaciones en áreas focales de ecología, diversidad o malacología médica. Los proyectos incorporarán trabajos de campo, biología molecular y/o experimentos en laboratorio.

En el marco de este proyecto se están desarrollando tres pasantías de grado en la Facultad de Ciencias (Uruguay), sobre modelación de distribución de algunas especies del género *Pomacea*, ecología trófica de *P. canaliculata* y el desarrollo de una clave de las especies de ampuláridos en Uruguay.



Colecciones Malacológicas, No-privadas, Latinoamericanas

Gustavo Darrigran

Una de las colecciones malacológicas de mayor riqueza en Latinoamérica es la Colección Malacológica del Museo de La Plata. Esta "riqueza" no solo refiere al número de taxa involucrados (12.700 lotes; 500 lotes tipo), sino también a:

La calidad académica de los colectores/donantes actuales y de aquellos que fueron parte de la historia latinoamericana tanto de la Biología en general, como de la Malacología en particular (entre ellos Berg, Batlet, Durione, Spegazzini, Moreno, Lahille, Doello Jurado, Weyrauch, Parodiz, Hylton Scott, Frengüelli, Castellanos, Birabén, Bonetto).

La amplitud de esta colección al considerar la dimensión espacio-temporal de la misma (Figuras 1 y 2).

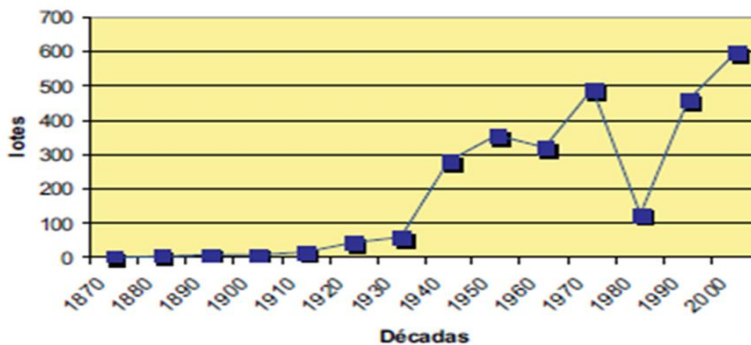


Figura 1. Grafico que señala el número de lotes en relación con la variable temporal, desde el inicio de la colección malacológica del Museo de La Plata y del incremento sostenido de esta desde la década del '50, solo con un profundo valle, coincidente con los años de surgimiento del tema ecológico-ambiental

Las Colecciones Biológicas en general, son una fuente primaria de conocimiento y de información sobre la biodiversidad, son además, según la IWGSC (2009), el fundamento para que los investigadores puedan realizar predicciones del futuro y contar con muestras de gran relevancia para investigaciones, distintas de aquellas por las que originalmente fueron colectadas (Darrigran, 2012). Lo mencionado, hace que las Colecciones Biológicas puedan ser consideradas patrimonio nacional y de interés para la humanidad (Ibeth & Góngora, 2009).

Las Colecciones Malacológicas no están ajenas a estas características y, sobre esta base, en mi condición de Jefe de Sección (curador) de Malacología del Museo de La Plata (Argentina) y vicepresidente de la ASAM (Asociación Argentina de Malacología - www.malacoargentina.com.ar), propongo la formación de un grupo de encargados de Colecciones Malacológicas oficiales, sin fines de lucro, latinoamericanas.

Esta es una inquietud que me transmitió un colega en el ultimo CLAMA (12-17 de junio de 2011; VIII Congreso Latinoamericano de Malacología; Puerto Madryn, Argentina), y es una propuesta válida e enriquecedora para conocernos, interactuar y organizar de esta forma un contexto en el que se generen distintas actividades (cursos *ad-hoc*, intercambio de bibliografía crítica y de opiniones ante distintos problemas curatoriales, etc.) y generar un medio disparador para la búsqueda de financiamiento (tanto para campañas de colecta, mejoras en conservación, intercambio temporal de profesionales, etc.).

Sobre esta base se solicita que, cada curador o encargado de una Colección Malacológica (sea esta municipal, provincial, nacional, universitaria, etc.), independiente de la riqueza que esta tenga en este momento y que esté de acuerdo con esta propuesta, envíe la siguiente Planilla información, a los e-mails: invasion@fcnym.unlp.edu.ar y gdarrigran@hotmail.com.

PLANILLA DE COLECCIONES MALACOLÓGICAS NO-PRIVADAS LATINOAMERICANAS

*País:

*Institución:

*Colección (nombre; acrónimo):

*Dirección:

*Nombre de responsable directo de la colección

Malacologica (Curador):

*E-mail, tel., fax de curador:

*Breve descripción (opcional):

También será bienvenido el parecer de los curadores que deseen expresar sus ideas en este grupo de colecciones malacológicas.

Esta propuesta fue difundida durante el mes de febrero, a través de la Asociación Latinoamericana de Malacología (ALM) y a principios de marzo en el XXIX Congreso Brasileiro de Zoología (2-5 marzo 2012, Salvador, BA; Brasil). Como respuesta se han recibido numerosas planillas, aunque es de esperar que continúen llegando. De esta forma y agradeciendo a los editores de "Sicardia" del boletín de la Sociedad Malacológica del Uruguay, que permiten ampliar esta difusión, se realizará, a partir de los resultados que se obtengan, una primera lista de Colecciones Malacológicas Latinoamericanas que aparecerá en el Boletín de la ASAM.

REFERENCIAS

- DARRIGRAN, G. 2012. Las Colecciones Biológicas: ¿para qué? Boletín Biológica, 23:28-31.
- IBETH, D. & GÓNGORA F. 2009. Colecciones Biológicas: Estrategias didácticas en la enseñanza-aprendizaje de la Biología *Biografía: Escritos sobre la Biología y su Enseñanza*, 12 (3):148-157.
- IWGSC 2009. *Scientific Collections: Mission-Critical Infrastructure of Federal Science Agencies*. Interagency Working Group on Scientific Collections. National Science and Technology Council, Committee on Science, Office of Science and Technology Policy, Washington, DC, 2009. 47 pp.

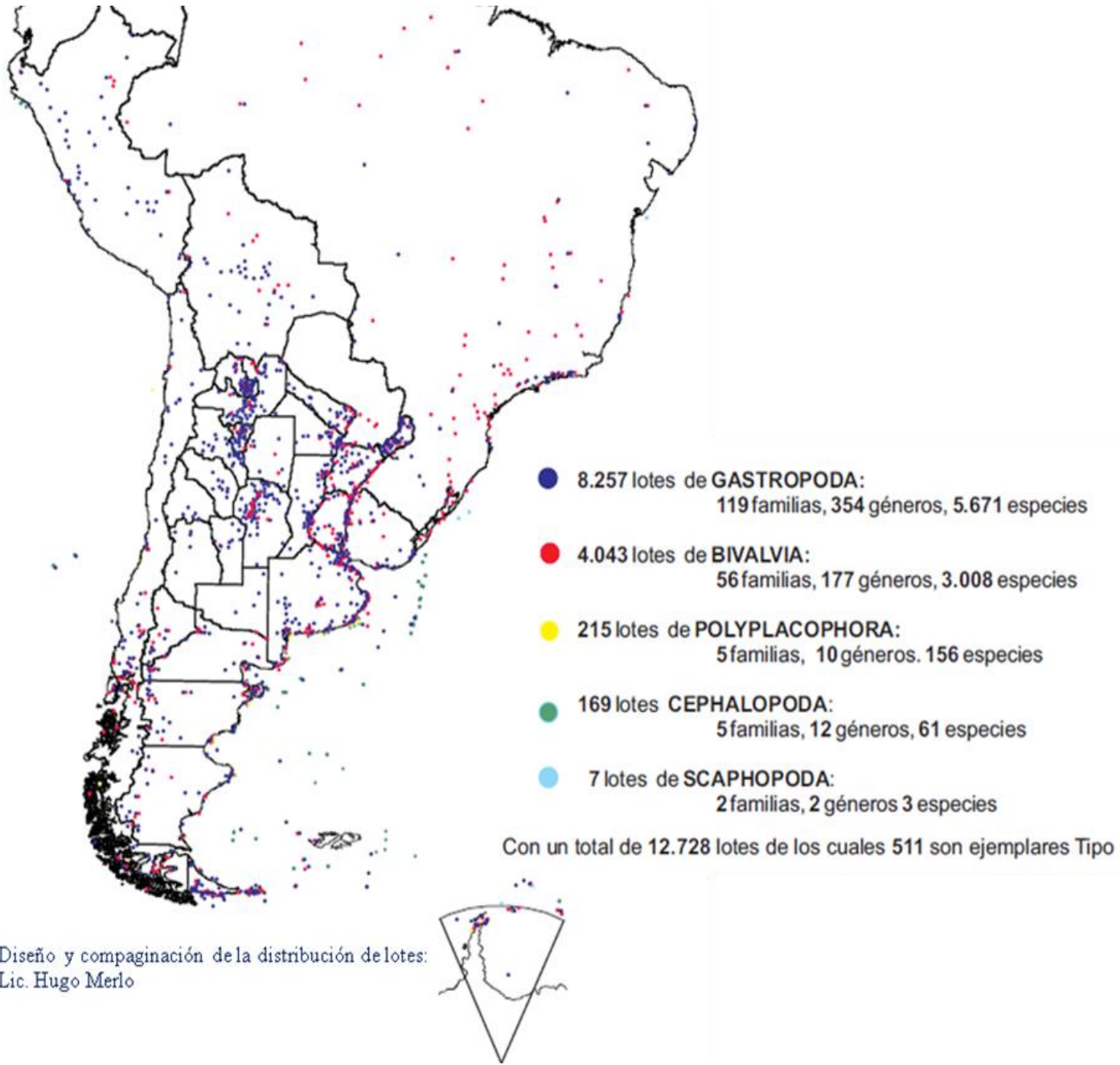


Figura 2. Disposición espacial de los lotes existentes en la colección malacológica del Museo de La Plata.

Puerto Madryn fue la sede del VIII Congreso Latinoamericano de Malacología, CLAMA VIII

Silvina Van der Möllen

Entre el 13 y el 17 de Julio de 2011 se llevó a cabo en la ciudad de Pto. Madryn, Argentina, el VIII Congreso Latinoamericano de Malacología. A pesar de las vicisitudes generadas por las cenizas del volcán Puyehue, unos 233 investigadores y estudiantes provenientes de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, España, Francia, México, Uruguay, Nueva Zelandia, Perú y Venezuela se reunieron en el Centro Nacional Patagónico (CENPAT) de esta hermosa ciudad, compartiendo experiencias y presentando alrededor de 300 trabajos.

El evento se inició un día más tarde de lo planeado, el lunes 13, para brindar a los participantes cuyos vuelos fueron suspendidos por la ceniza volcánica la oportunidad de llegar a la ciudad. Un brindis y una charla informal del Dr. Erick Baqueiro sobre los orígenes de los CLAMA y de la Asociación Latinoamericana de Malacología (ALM) - agrupación que cumplió 20 años de funcionamiento - le dio la bienvenida a los pacientes pero cansados viajeros. La ALM empezó sus actividades en Julio de 1991, en Caracas, durante el CLAMA I, bajo el nombre de Comité Organizador de Congresos Latinoamericanos de Malacología (COCLAM). El nombre de la ALM fue adoptado en Julio de 2005, en el CLAMA VI.

Además de las presentaciones orales y en carteles, dos mesas redondas se realizaron durante el evento. Varios aspectos sobre el control de plagas y babosas en la agricultura fueron tratados en la mesa coordinada por los Dres. José Castillejo Murillo y Javier Iglesias Piñeiro, de la Universidad de Santiago de Compostela, en España. Una revisión sobre el estado actual de las investigaciones sobre cefalópodos en Latinoamérica fue el tema de discusión de la mesa coordinada por los Dres. Nicolás Ortiz, Augusto Crespi-Abril, María Edith Ré y Pedro Barón, del CENPAT.

Asimismo, el CLAMA VIII albergó dos cursos de postgrado. El primero, brindó una introducción a la teoría y práctica de la morfometría geométrica, y fue dictado por los Drs. Rolando González-José y Silvina Van der Molen. El segundo, trató sobre el cultivo y procesamiento de moluscos bivalvos, y fue dictado por los Drs. Cecilia Castaños, Diana Bohn, Marcela Pascual, Myriam Elvira, María Ana Reussi y César Gentile.

Aspectos particulares de la malacología en Latinoamérica fueron abordados en siete talleres:

i) La Tercera Reunión de la Red Suramericana para la Conservación y Uso Sostenible de Moluscos Bivalvos, coordinado por el Dr. Alvar Carranza, de la Universidad de la República, Montevideo, Uruguay, con el auspicio de The PEW Environmental Group y The Nature Conservancy;

ii) Sistemática y Filogenia de Gasterópodos Continentales Neotropicales, coordinado por la Dra. Gabriela Cuezco de la Universidad Nacional de Tucumán;

- iii) El II Simposio Latinoamericano de Moluscos Bioinvasores, coordinado por el Dr. Gustavo Darrigran, del Museo de La Plata, Argentina, y el Dr. Carlos E. Beiz, de la Universidade Federal do Paraná, Brasil;
- iv) Bioecología de Moluscos de Manglares, coordinado por la Dra. Helena Matthews-Cascon, de la Universidade Federal do Ceará, Brasil;
- v) Biología de Ampullariidae, coordinado por el Dr. Alfredo Castro Vázquez, de la Universidad Nacional de Cuyo, Argentina;
- vi) El II Taller sobre Gasterópodos del Género *Heleobia*: bases para un abordaje interdisciplinario de su conocimiento, coordinado por Claudio G. De Francesco y Fabrizio Scarabino; y
- vii) Orígenes de la Malacofauna Actual – Estableciendo Puentes entre la Neontología y la Paleontología, coordinado por el Dr. Miguel Griffin del Museo de La Plata, Argentina. Las conferencias magistrales fueron dictadas por los Dres. Cristián Ituarte del Museo Argentino de Ciencias Naturales, Alfredo Castro Vázquez de la Universidad Nacional de Cuyo, Argentina, Cesar Lodeiros de la Universidad de Oriente y Patricia Miloslavich de la Universidad Simón Bolívar, de Venezuela.

El Premio al Estímulo de la Investigación Científica Dr. Antonio García-Cubas, en su versión mejor presentación oral fue otorgado a Fabricio Marcondes Machado (1er premio) de la Universidad Federal de Río de Janeiro, Brasil, a Ricardo Amoroso (2do premio) del Centro Nacional Patagónico, Argentina, y a Ludmila Nakamura Rapado (3er premio) del Instituto Butantan, Brasil. La versión mejor presentación en cartel del premio fue otorgada a María Gabriela Carrasquel (1er premio) de la Universidad de Oriente, Venezuela, a Bruno García Andrade (2do premio) de la Universidad Federal de Río de Janeiro, Brasil, y a Marcos Franco (3er premio) del Centro Nacional Patagónico, Argentina. Igor Miyahira, de la Universidad do Estado de Rio de Janeiro, Brasil, y Fernanda Gurovich, de la Universidad Nacional del Sur, Argentina, recibieron menciones especiales.

La Asamblea General de la ALM rindió homenaje a la Dra. Toshie Kawano, ex Vicepresidenta de la Junta Directiva de la ALM, y al Dr. Rafael Alves, ambos de Brasil y fallecidos en fechas recientes, a través de emotivas presentaciones públicas realizadas por la Dra. Lenita Tallarico y la Dra. Sonia Barbosa, actual Presidenta de la Sociedad Brasileira de Malacología.

De igual manera, la Asamblea eligió por votación a la nueva Junta Directiva de la ALM para el periodo 2011-2014, la cual quedó conformada por los Dres. Lenita Tallarico (Administradora, Brasil), Laura Huaquín (Secretaria, Chile), Erick Baqueiro (Vice-Presidente, México) y Roberto Cipriani (Presidente, Venezuela).

El CLAMA VIII fue magistralmente dirigido por su Presidente, el Dr. Gregorio Bigatti, del CENPAT, y llevado adelante por un incansable equipo de trabajo co-dirigido por la Dra. Silvina Van der Molen y por un nutrido grupo de voluntarios entusiastas. El CLAMA, evento insignia de la ALM, fue co-organizado en esta oportunidad por el CENPAT, la Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco, la Universidad Tecnológica Nacional, y auspiciado por la Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica, el CONICET, la Secretaría de Ciencia, Tecnología e Innovación de la Provincia del Chubut, el Ministerio de Turismo de la República Argentina, el Instituto Nacional de Promoción Turística, la Secretaría de Turismo Municipal de Pto. Madryn, y por las empresas ALUAR y Andesmar.

El próximo congreso de la ALM, el CLAMA IX será organizado en el renombrado Centro de Investigaciones Avanzadas de la ciudad de Mérida (CINVESTAV, Mérida), localizado en la Península de Yucatán, México, y será presidido por la Dra. Dalila Aldana, en el 2014. Esperamos verlos a todos allí.



XXII Encontro Brasileiro de Malacologia

MSc. Bruno B. Batista (UFC)

O XXII Encontro Brasileiro de Malacologia (XXII EBRAM), realizado no período de 04 a 08 de setembro de 2011 em Fortaleza (Ceará – Brasil), foi coordenado pela Professora Dra. Helena Matthews-Cascon, teve como tema principal a biodiversidade e contou com cerca de 350 participantes inscritos, dentre os inscritos constavam argentinos, chilenos, uruguaios e outros países da América Latina. Durante o evento foram apresentados 274 trabalhos científicos distribuídos em diversas áreas na forma de painéis e apresentações orais, 10 palestras, 3 conferências másters, 8 mesas redondas e 12 minicursos. O evento contou com a presença de aproximadamente 20 pesquisadores nacionais, e 4 pesquisadores oriundos da Argentina, Estados Unidos da América, Portugal e Espanha. Durante a abertura do evento foram homenageados alguns dos principais pesquisadores que contribuíram para a formação de recursos humanos na área de malacologia nos últimos anos. Paralelo ao evento foi exposta a coleção malacológica pertencente ao Dr. Henry Matthews, essa exposição foi organizada pela Professora Dra. Inês Xavier da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA).

